

Brasília Maria ri para não chorar

Brasília — Luciano Andrade

Ela nasceu com a cidade e hoje está esquecida

BRASÍLIA — A mulher e a cidade têm o mesmo nome e a mesma idade. Brasília, a mulher, foi a primeira criança a nascer na cidade às 6h20min da manhã de abril de 1960, dia da inauguração da nova capital. Por conta disso, foi afilhada e quase filha adotiva de Juscelino Kubitschek, dançou a valsa dos 15 anos com o então governador Elmo Serejo no baile promovido em homenagem a ela, apareceu no programa do Sílvio Santos, entregou a chave da cidade ao Rei Momo e mora na mais miserável e violenta das cidades satélites de Brasília — a Ceilândia —, numa casa de dois quartos, com mais 18 pessoas.

“Minha vida é uma lástima”, resume Brasília Maria Costa Góes, o sorriso estampado no rosto. “Chorar, eu? Você sabia que se a gente ficar triste os problemas parecem mais difíceis de resolver?”, ensina. Por isso, Brasília Maria não pára de rir nem mesmo quando fala em ressuscitar uma antiga tradição da Brasília cidade — interrompida quando as autoridades resolveram instalar uma indesejável grade de proteção para suicidas: saltar do alto da Torre de Televisão.

Puro humor negro. O que Brasília faz, de verdade, é brigar para ver se melhora de vida, às custas de uma persistente peregrinação a gabinetes de governadores, secretários e deputados, tentando tirar uma lasquinha que seja do privilégio que o destino lhe deu. “É só o Sarney voltar dos Estados Unidos que eu vou falar com ele”, promete, revelando já ter iniciado contatos com a assessoria do ministro Ronaldo Costa Couto.

Os problemas da Brasília cidade são também os problemas da Brasília Maria. Segundo ela, o pior mesmo é o transporte (ou a falta de), que faz com



Brasília foi batizada pelo presidente JK

que chegue a gastar duas horas para ir de Ceilândia ao Plano Piloto, pagando CZ\$ 5,00, só de ida. A “sorte” é que trabalha lá mesmo na Ceilândia, no posto de saúde, onde recebe o salário de CZ\$ 57.000,00. Af, junta com os CZ\$ 26.000,00 do marido José, motorista de um hospital, os CZ\$ 16.000,00 de um irmão, outros CZ\$ 16.000,00 da cunhada, os CZ\$ 3.000,00 da aposentadoria do sogro e, acima de tudo, muita mágica, para alimentar 19 bocas.

Outro grande problema da cidade Brasília, segundo Brasília Maria, é a violência, que em março levou embora o irmão mais velho com uma facada no pescoço, e trouxe para dentro de sua pequena casa a cunhada viúva, com nove filhos pequenos. É tanto problema que Brasília pensa em como a história poderia ter sido bem diferente se a sua mãe, dona América, consentisse que o padrinho JK a adotasse.

“Ele queria que eu fosse morar com ele. Acho que a minha vida seria melhor. Ou talvez não, quem sabe? Eu podia ser uma pessoa diferente do que eu sou, que pensasse só no poder e nem ligasse pros outros”, imagina a primeira pessoa a nascer na capital do poder, o mesmo poder que, acredita, faz com que quem esteja lá em cima não tenha tempo de pensar nos outros.

“Apesar dos pesares”, como ressalta, Brasília ama Brasília. “É a minha terra natal, cresceu junto comigo”, resume, enquanto posa para as fotos e pede para que o velho carro — uma Brasília 79, por pura coincidência — fique no anonimato. “Se não, vão pensar que eu tô bem de vida”, ri.

E termina explicando o mistério que assusta os visitantes: a ausência de gente nas ruas de Brasília. “Fazer o que na rua, se ninguém nessa cidade tem dinheiro?” Pergunta, nada séria: